

---

SNOW, David; ANDERSON, Leon. *Desafortunados: um estudo sobre o povo da rua*. Petrópolis: Vozes, 1998. 528 p.

*Cláudia Turra Magni*

*Universidade de Santa Cruz do Sul - Brasil*

*Down on Their luck. A Study of Homeless Street People* é o título original desta etnografia sobre os moradores de rua, subcategoria dentre os desabrigados. O estudo de caso foi feito em Austin, Texas, a partir de trabalho de campo realizado em meados dos anos 1980.

O livro é composto de três partes: na primeira, um breve panorama histórico, apoiado em revisão bibliográfica, traz referências ao tratamento social dado à mendicância e à itinerância desde a Idade Média até a América contemporânea. Segue-se uma explicação dos pressupostos, contexto e procedimentos metodológicos de pesquisa, cujo foco é a “subcultura da vida de rua” no universo urbano de Austin. Além dos contextos institucionais, foram privilegiadas as visões e vozes dos sujeitos estudados, assim como dos atores com quem interagem. A análise multiperspectiva baseou-se nos dados empíricos coletados ao longo de dois anos, tendo como fontes encontros etnográficos, registros de instituições que atendem moradores de rua e a própria comunidade. Dentre os diversos procedimentos tratados de forma conjugada estão: observações participantes e não-participantes, entrevistas formais e informais, além do levantamento de registros institucionais.

A primeira parte do livro ainda desenvolve uma tipologia do povo de rua, apoiada em três dimensões contrastivas: estilos de vida, aspectos cognitivos e tempo de vida nas ruas. Assim, surgem oito categorias: recém-deslocados, vacilantes regulares e vacilantes irregulares, andarilhos tradicionais e andarilhos *hippies*, mendigos tradicionais e mendigos *redneck* (tipo regional do sul dos EUA), e ainda doentes mentais. Tal tipologia é apresentada por tabelas, enfocando as múltiplas variáveis utilizadas, mas também por descrição densa, com construção de personagens ilustrando cada um dos tipos.

O cotidiano e as estratégias de sobrevivência desses vários tipos de moradores de rua são analisados na segunda parte da obra, onde é enfatizada a existência de uma subcultura da vida na rua. Essa subcultura

fundamenta-se num conjunto padronizado de comportamentos, rotinas e orientações criados pelo povo da rua, visando adaptarem-se às restrições institucionais, políticas, ecológicas e morais a que estão sujeitos. As respostas da sociedade à sua presença podem ser agrupadas em cinco modalidades: resposta acomodadora (que atende suas necessidades básicas, mas não contribui para que saiam das ruas); resposta restauradora (que trata de seus problemas fisiológicos, psicológicos ou espirituais); resposta exploradora (orientada para o mercado, como o comércio de plasma e as administrações de trabalho de um dia); resposta de exclusão/expulsão e resposta de contenção (as quais variam com o clima político, implicando menor ou maior tolerância social e policial para com eles).

Considerando sua exclusão do mercado de trabalho formal, são examinadas as estratégias de sobrevivência material dos moradores de rua de Austin: de um lado, as formas de trabalho regular (como trabalho de um dia) e a assistência institucionalizada; de outro, as atividades não-regularizadas ou “trabalho à sombra” (a exemplo da cata de lixo, das *performances* de rua, do pedido de dinheiro, da troca de objetos pessoais ou do furto). Levando em conta os diferentes tipos estudados, percebe-se que essas atividades não-oficiais tornam-se mais importantes para aqueles que vivem há mais tempo nas ruas, o que se explica devido à mudança de orientação do mundo do trabalho regular ao mundo do trabalho à sombra.

O último capítulo da segunda parte do livro busca entender a forma como os moradores de rua percebem e tentam explicar a situação em que vivem, o sentido existencial que procuram dar à sua condição humana, a forma como tentam resgatar uma identidade positiva em meio à experiência dramática de viver nas ruas, no nível mais degradante da sociedade americana.

A última parte do livro analisa a dinâmica do desabrigo: desde os caminhos que conduzem às ruas até as carreiras dos indivíduos estudados. A integração entre esses dois conjuntos de fatores explica a situação dessa forma de desabrigo contemporâneo: fatores estruturais dentro de um contexto histórico amplo, e fatores biográficos, os quais englobam deficiências pessoais diversas, falta de apoio familiar, mas também o “azar”. O exame dos fatores comuns a essas carreiras leva a considerar tanto as restrições que lhes são impostas pelo meio quanto as maneiras criativas de que se servem para contorná-las. Trata-se de uma “teia holística” na qual eles são

captados por “fios múltiplos”, ou seja, um “conjunto de obstáculos inter-relacionados que incluem uma combinação de deficiências de recursos, dinâmicas institucionais, laços sociais e fatores cognitivos” (p. 473). Isso explica as parcas alternativas que encontram para uma mudança em suas carreiras, que, via de regra, tendem a reforçar sua marginalidade. Dessa forma, constata-se que quanto maior o tempo de vida nas ruas, mais difícil é a possibilidade de se libertarem desse modo de vida.

Coerente com a proposta de realizar uma pesquisa longitudinal, que captasse as transformações ao longo do tempo, o epílogo avança sobre o período posterior à conclusão do trabalho de campo. Devido ao agravamento da situação de desabrigo, os autores constataam um esforço de melhoria no contexto institucional e ecológico que haviam conhecido anteriormente. Quanto aos próprios informantes-chave, a maioria deles não foi reencontrada, sugerindo a “natureza passageira e dinâmica da vida nas ruas” (p. 493). No entanto, apesar da mutabilidade – tanto do contexto quanto dos indivíduos – os autores constataam que o modo de vida nas ruas é altamente padronizado e pouco mudou em sua essência: os serviços que lhes são prestados continuam de natureza acomodadora, as condições estruturais que conduzem ao desabrigo (especialmente a precariedade de emprego e de moradia barata) são cada vez maiores, e a visão dominante continua a perceber sua condição como patológica e como resultado de deficiências individuais.

Finalmente, se os golpes de azar ou sorte podem desencadear o caminho de ingresso ou de libertação das ruas, nem por isso fica menos evidente que a existência dos moradores de rua é, segundo os autores, uma condenação da sociedade americana.